

TOBIAS BARRETO, AGENTE NEGRO DE TRADUÇÃO

Roch Duval¹

RESUMO: “Tobias Barreto, agente negro de tradução” visa destacar a contribuição do filósofo, tradutor e visionário mestiço, natural do estado de Sergipe, não só na história da tradução no Brasil como também na formação de um pensamento identitário tipicamente brasileiro. Neste sentido, mostra-se que o qualificativo “agente de tradução” convém perfeitamente a Tobias Barreto. O que há de particular em seu trabalho é que ele próprio se implicou em todas as etapas do processo tradutório, seja pela tradução *stricto sensu* — como transferência linguística — até a difusão de suas obras — enquanto produto material, objeto reificado —, passando pela confecção material destas — a impressão, a paginação etc. A partir da década de 1870, o projeto tradutório de Barreto toma uma direção essencialmente voltada para a promoção do germanismo. O artigo apresenta os suportes e as consequências dessa posição ideológica.

PALAVRAS-CHAVE: Tobias Barreto, agente de tradução, germanismo, transferência linguística

RESUME: « Tobias Barreto agente negro de tradução » vise à mettre en relief l’apport du philosophe, traducteur et visionnaire métis, natif de l’État du Sergipe, dans l’histoire non seulement de la traduction au Brésil mais également dans la formation d’une pensée identitaire typiquement brésilienne. En ce sens, il ressort que l’épithète « agent de traduction » convient parfaitement à Tobias Barreto. Ce qu’il y a de particulier chez lui, c’est qu’il a été impliqué dans toutes les étapes du processus traductif lui-même, soit de la traduction *stricto sensu* - comme transfert linguistique – jusqu’à la diffusion de ses œuvres – en tant que produit matériel, objet réifié – en passant par la confection matérielle – l’impression, la mise en page, la pagination, etc. – de ces dernières. À partir de la décennie des années 1870, le projet traductif de Barreto prend une direction essentiellement vouée à la promotion du germanisme. Le présent article présente les tenants et les aboutissants de cette position idéologique.

MOTS-CLÉS: Tobias Barreto, Agent de traduction, germanisme, transfert linguistique.

¹ Tradutor e agente psicossocial especialista em prevenção do suicídio e em suicidiologia. Tem Doutorado em Filosofia pela Université de Montréal (1994), Mestrado em tradutologia (2007) e, em 2015, defendeu a tese de Doutorado em tradutologia pela Université de Montréal. O tema da tese foi uma análise da influência do filósofo alemão Max Bense sobre a teoria de tradução de Haroldo de Campos. Foi leitor em tradutologia nos cursos de graduação e pós-graduação na Université de Montréal.

Wir sehen auf den ersten Blick, dass wir einen Mulatten vor uns haben, wie man deren in allen amerikanischen Ländern mit gemischter europäischer und afrikanischer Bevölkerung viele trifft und ihre Intelligenz zu bewundern vielfach Gelegenheit findet. Die ungewöhnlich hohe Stirn, das geistvolle Auge, der entschlossene Zug um den Mund lassen uns nicht lange unklar darüber bleiben, dass sich auch hier eine Summe von Intelligenz verkörpert, hat, der wir unser Interesse, unsere Achtung nicht versagen können.können.

(Wäldler 1879b, 703).²

O presente ensaio tem como objetivo primeiro apresentar o papel fundamental desempenhado pelo afro-brasileiro Tobias Barreto de Menezes (1839-1889) na introdução de uma nova mentalidade na *espítémê* – na acepção foucaltiana do termo – vigente na segunda metade do século XIX no Brasil. Uma tal tarefa de renovação intelectual e cultural sem precedentes, que poderíamos mesmo chamar de “ruptura epistemológica”, iniciada pelo filósofo sergipano, teria sido impossível sem seu papel de mediador intercultural entre a civilização brasileira e a alemã. Forçosamente, apesar de sua origem social e étnica, é preciso admitir que Tobias Barreto ganha plenamente o direito de ser mencionado na historiografia da tradução no Brasil não só como tradutor *hors pair* ou inigualável, mas também como agente de tradução, isto é, como fabricante entusiasta do seu próprio sucesso. No seu tempo, tendo em conta o seu conhecimento da língua alemã, Barreto estava entre alguns poucos afro-brasileiros – ou até mesmo entre os brasileiros de ascendência europeia – que tinham conseguido elevar-se ao nível de agente de tradução. Neste sentido, o “mulato” de condição social humilde – digníssimo representante da chamada “fulgurante plebe intelectual”³, segundo a expressão consagrada do político e ensaísta Gilberto Amado (1887-1969) – foi

² “Logo ao primeiro olhar, era visível que, diante de nós, se encontrava um mulato, como em todos os países do Novo Mundo onde ocorre com frequência uma miscigenação entre a população europeia e africana. Além disso, tivemos muitas vezes a oportunidade de admirar a sua inteligência. A fronte excepcionalmente alta, o olho sagaz, a boca bem desenhada não deixam dúvidas sobre o fato de que uma riqueza de conhecimentos está concentrada aqui e isso não escapou a nossa curiosidade e a nossa atenção”. (Todas as traduções são minhas salvo indicação em contrário. Para facilitar a leitura, a ortografia foi atualizada segundo a norma atual).

³ “A expressão ‘fulgurante plebe intelectual’ é exata e feliz para caracterizar os bacharéis, tantos deles de origem humilde e vários, negroides, que, com a fundação dos cursos jurídicos, foram aparecendo na sociedade brasileira como nova e considerável elite, compensada pela cultura intelectual e jurídica nas deficiências de sua posição social e na inferioridade de sua condição étnica” (FREYRE, 1977, p. 626). Ver também (CORDEIRO, 1997, p. 65); (COSTA, 2006, p. 239); (ALMEIDA, 2008, p. 57-65).

um despertador de consciência cujo mérito é conveniente recordar aqui, para que ele não caia no esquecimento.

1. Tobias Barreto, agente de tradução

Sem qualquer dúvida, Tobias Barreto foi a personificação paradigmática e *avant la lettre* do que poderíamos designar hoje como “um agente de tradução”. Nosso objetivo é demonstrar que a influência da práxis dos chamados agentes de tradução está indissociavelmente ligada a meios físicos e materiais especialmente concebidos e desenvolvidos para servir como canais ou vetores de propagação com vista a realizar um projeto tradutológico concreto, determinado e bem definido. No caso de Tobias Barreto, sua tarefa tradutológica teria sido inconcebível sem a criação de meios impressos particulares – nomeadamente jornais e revistas publicados muitas vezes às suas próprias custas – de um determinado tipo que serve para assegurar a materialidade do texto, segundo a expressão de Barbara Folkart (FOLKART, 1989). Para tal propósito, como escreveu o jornalista e historiador Luiz Antônio Barreto (1944-2012):

Poucos intelectuais brasileiros se valeram tanto e de forma tão íntima e definitiva da imprensa como Tobias Barreto. Foi redator, editor, diretor, colaborador de jornais e de revistas, deixando seu nome em pelo menos 32 periódicos pernambucanos (BARRETO, 1987b, p. 3).⁴

A história nos ensina que foi em princípios de 1871, depois de vários insucessos tanto pessoais quanto profissionais, que Barreto resolveu mudar-se para Escada, zona da mata sul de Pernambuco, a cerca 60 quilômetros do Recife. Segundo Hermes Lima (1902-1978), esta decisão foi “o ato mais calculado da vida de Tobias” (LIMA, 1939, p. 21). Para confirmar esta afirmação do político, jornalista e ensaísta baiano há que fazer menção de alguns fatos significativos. Em primeiro lugar, importa salientar que foi em Escada que nosso sergipano aprofundou, como autodidata⁵, seu conhecimento da língua e da cultura alemã (PAIM, 1999,

⁴ Ao número dos 32 jornais pernambucanos devem ser acrescentadas 11 publicações exclusivamente de responsabilidade do próprio Barreto – algumas das quais foram de curta duração – além de 3 jornais editados em língua alemã (igualmente precários). Ver (Barreto 1987b, 3). Ver também (Carvalho 1908). “Dos 32 periódicos listados, apenas 23 podem ser encontrados” (Barreto 1987b, 3).

⁵ O autodidatismo de Barreto foi concomitantemente uma força e uma fraqueza: “Tobias padeceu de todos os males do autodidatismo. [...] Faltou-lhe viver num meio em que o saber se movesse objetivamente” (LIMA,

p. 102). Como observa o falecido Luiz Antônio Barreto (1940-2012)⁶, foi em Escada que o filósofo sergipano “se lança ao domínio da língua e da cultura alemã” (BARRETO, 1994, p. 87). O que impressiona em seu aprendizado da língua alemã é o fato de Tobias Barreto ter conseguido produzir textos adequados em estilo elevado de acordo com o estilo acadêmico da época.

Ele nos comunicou que nunca saiu do Brasil, e é um autodidata no verdadeiro sentido da palavra, visto como não recebeu aqui instrução alguma quanto ao alemão. Tanto mais maravilhosa é a perseverança com que ele apropriou-se, não só do uso da língua estrangeira, mas também do grande tesouro da ciência alemã, de que dão testemunho seus trabalhos literários (NASCIMENTO, 1966, 19).

Assim, não é por acaso que o filósofo sergipano publicou vários escritos (ou seja, cartas, livros, ensaios) em alemão. A esse respeito podemos mencionar, segundo uma ordem cronológica, as obras alemãs seguintes: o jornal *Der Deutscher Kaempfer*⁷ [O lutador alemão] (1875); *Brasilien wie es ist in Literarischer hinsicht betrachtet* [O Brasil tal como é do ponto de vista literário] (1876); *Ein offener Brief an die Deutsche Presse* [Carta Aberta à Imprensa Alemã] (1878). Cabe aqui notar também que Tobias Barreto publicou artigos (redigidos em alemão) no *Koseritz Deutsche Zeitung* de Carlos von Koseritz, em Porto Alegre, e no jornal *Germânica*, de São Paulo⁸.

É de todo conveniente insistir na inclusão de Tobias Barreto entre os agentes de tradução. Mas o que significa exatamente o termo “agente de tradução”? De modo geral, na língua usual, um agente designa uma pessoa singular ou uma entidade coletiva (BRATMAN, 2009) que opera, que atua, ou o que é capaz de executar tanto uma ação quanto uma alteração material em um estado de coisas (*matter of facts*). Em outras palavras, um agente é a causa principal ou o princípio motor ou eficiente (para utilizar aqui um termo da filosofia de

1939, p. 108). “Tal deficiência é o fruto de seu autodidatismo em meio intelectual desprovido de uma comunidade científica e de instituições apropriadas para o desenvolvimento da erudição e cultura filosóficas” (SUCUPIRA, 1994, p. 116). Um dos pontos fracos do domínio da língua alemã em Tobias Barreto era a expressão oral: “Os problemas só apareciam no momento da comunicação verbal...” (COSTA, 2006, p. 239).

⁶ Luiz Antônio Barreto, antigo ocupante da Cadeira número 28 da Academia Sergipana de Letras, nasceu no município de Lagarto (Sergipe) e foi o fundador e diretor do Instituto Tobias Barreto (ITB), localizado no segundo andar da biblioteca central da Universidade Tiradentes, na Farolândia (bairro de Aracaju). A diretora atual do ITB é Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, viúva de Luiz Antônio Barreto.

⁷ Citamos textualmente o título do jornal. De acordo com as normas atuais, a grafia é *Deutscher Kämpfer*.

⁸ Em 1883, no *Diário de Pernambuco*, Barreto publicou cartas de apoio de diversos autores alemães que elogiaram seu trabalho intelectual.

Aristóteles)⁹ de uma mudança intencional (ou seja, desejada ou planejada) numa coisa ou no estado do mundo. Do ponto de vista filosófico, um “agente” designa o princípio ou sujeito de uma ação. Assim, um agente é considerado essencialmente responsável por um determinado ato. Agora, temos de especificar o que é um “agente tradutor”. Segundo a definição de Juan Carlos Sager, um agente de tradução designa todo indivíduo que se encontra “in an intermediary position between a translator and an end user of a translation” (SAGER, 1994, p. 321). Embora seja verdade que existe em Tobias Barreto uma certa superposição dos papéis de tradutor *stricto sensu* e de difusor/editor de sua própria obra, seu exemplo permite definir melhor as características do termo “agente de tradução” e definir com maior clareza o seu âmbito de aplicação. Assim, de maneira geral, um agente de tradução designa um intermediário ou qualquer outro vetor que tem um caráter instrumental – mas essencial – na divulgação, na difusão ou na preservação (conservação) de uma obra em que uma tradução foi usada como forma específica para alcançar e influenciar uma cultura-alvo e, do mesmo modo, promover os interesses literários, políticos, estéticos e/ou pessoais de todos os intervenientes no processo de transferência. “These agents may be text producers, mediators who modify the text such as those who produce abstracts, editors, revisors and translators, commissioners and publishers” (MILTON e BANDIA, 2009, p. 1). Em outras palavras, os agentes de tradução são mediadores cuja atividade principal visa transferir “sapere in movimento” [saber em movimento] (CANGEMI, 2012, 96).

2. Estratégia de apropriação da cultura alemã pela tradução

Tendo em conta as considerações acima, não há dúvida de que em Tobias Barreto o papel de agente de tradução assumiu contornos característicos. Devemos mencionar, em primeiro lugar, que Tobias Barreto desempenhou um papel ativo no processo de tradução de obras alemãs no último quarto do século XIX. Para entender a singularidade de Barreto no panorama tradutológico brasileiro propomos que se utilize uma distinção estabelecida por Cay Dollerup. O tradutólogo argentino de origem dinamarquesa estabelece uma diferença entre, por um lado, *translation as imposition* [tradução como imposição] e, por outro lado,

⁹ Andrew Chesterman fez referência à tipologia aristotélica – dentro do chamado modelo causal (*Causal model*) — e defendeu sua aplicação em tradutologia. Ver em particular (CHESTERMAN, 2017, p. 123-136).

translation as requisition [tradução como apropriação]¹⁰. Segundo Dollerup, uma tradução como imposição designa um tipo de (projeto) de tradução que, deliberadamente, tem origem numa cultura-fonte e que é realizada independentemente da cultura-alvo. Nesse sentido, a realização de um projeto de tradução é essencialmente e unilateralmente apresentado, estabelecido, decretado ou imposto por uma cultura-fonte sobre uma cultura-alvo sem prestar atenção à especificidade desta. Em outras palavras, a cultura-alvo se comporta como um receptor passivo do processo de tradução. Em contrapartida, ainda de acordo com Dollerup, uma tradução como apropriação designa um tipo de tradução em que o texto traduzido é sempre ativamente desejado, cobiçado ou até mesmo apropriado pela cultura-alvo. Dollerup escreve:

‘Imposition’ is normally deliberate, it is always driven by the source culture, often with little regard for the receptor culture, and therefore pays much attention to the intention or intentionalities behind the original text manifestation; ‘requisition’ springs from the target culture and therefore implies a more relaxed attitude (perhaps out of ignorance) towards the sender’s intentionality (DOLLERUP, 1996, 46)

Pelas características da chamada “tradução-apropriação” – que acabamos de mencionar – torna-se evidente que este tipo de tradução constitui a mais importante expressão de um desejo de autonomia frente a uma cultura-fonte que representa frequentemente uma potência colonial (CAMPOS, 2016). Desta forma, o uso da tradução-apropriação permite a legítima expressão de um desejo de fugir de uma situação subalterna ou de um estado de sujeição. Consequentemente, é assim que deve ser compreendido o papel de agente de tradução de Tobias Barreto. A transferência cultural entre o Brasil do último quarto do século XIX e a Alemanha – um modelo a imitar por emulação e não a macaquear de modo estúpido – tornou-se possível por meio da tradução.

Em que sentido podemos falar aqui de uma estratégia de apropriação por Tobias Barreto? Não só ele assumiu a missão concreta de mediador intercultural entre a cultura brasileira e a alemã como o que realmente caracteriza seu papel de agente de tradução, no sentido nobre do termo, foi sua independência de espírito perante os intelectuais (*intelligentsia*) e as instituições dominantes, não apenas no seu próprio território (Sergipe),

¹⁰ Preferimos traduzir *requisition* por “apropriação” em vez de por “requisição”.

mas também em todas as partes do Brasil. O papel de agente de tradução de Barreto foi muito especial porque ele contribuiu diretamente para a conscientização e a difusão da cultura alemã – definida segundo seus próprios critérios programáticos a fim de permitir criar uma nova *esprit* – para os brasileiros através de suas traduções de alguns trechos de obras de diversos pensadores alemães, seja de pensadores mais influentes ou de outros menos conhecidos. Um excelente exemplo de apropriação pelo filósofo brasileiro foi a gestão integral do processo tradutório desde o início – a tradução em si, ou seja, a transferência linguística – até o fim, ou seja, a divulgação ou distribuição das traduções como “objeto reificado”, passando pela produção material, isto é, a impressão das traduções. A gestão integral do processo de tradução surgiu em 1874, em Escada. Em 1954, o jornalista Junot Silveira escreveu no jornal *A Tarde* que Tobias Barreto, “para poder publicar muitas de suas produções, teve de fundar jornais, que ele redigia, compunha, revisava, paginava e imprimia...” (NASCIMENTO, 1994, 26). Com efeito, foi mais precisamente a partir do mês de julho daquele ano que Barreto publicou às suas próprias custas seu primeiro jornal: *Um signal dos tempos*. Este jornal – como os outros que ele publicou em Escada – saíram da Tipografia Comercial que se localizava na Rua da Cadeia, 22, em Escada (Pernambuco), e que era de propriedade de Tobias Barreto. A publicação do jornal *Um signal dos tempos* foi de curta duração (dez números), mas também suficientemente longa para trazer à cena da cultura brasileira o nome de David Friedrich Strauss (1808-1874), e principalmente o de Eduard von Hartmann (1842-1906)¹¹. Neste sentido, podemos dizer que a temporada de Barreto em Escada – entre 1871 e 1881 – foi a incubadora perfeita para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do seu germanismo. *Um signal dos tempos* foi substituído rapidamente por *A Comarca de Escada* em 1875 (num total de cinco números) e pelo *Devaneio Literário* (1875)¹². Uma manifestação marcante do germanismo como posição teórica nítida e forte foi claramente a publicação do *Deutscher Kämpfer* em 1875 (BARRETO, 1994, 247)¹³. O

¹¹ A filosofia de Eduard von Hartmann foi apresentada no artigo intitulado “O Capítulo do Amor na Filosofia do Inconsciente” na edição número 8 de 31 de outubro de 1874.

¹² Publicação bissemanal de 15 de junho de 1875 a 27 de julho de 1875 num total de 12 números. Em dezembro de 1875, teve uma décima terceira publicação.

¹³ O *Deutsche Kämpfer* foi publicado de 2 de agosto até 12 de setembro de 1875, num total de 5 números (NASCIMENTO, 1966, 19). O *Deutscher Kämpfer* era impresso na Tipografia Mercantil do brasileiro de

próprio Tobias Barreto, no entanto, definia o seu jornal como um “periódico literário e acidentalmente político, destinado à expansão do germanismo no norte do País.” Para grande espanto de todos¹⁴, Tobias Barreto redigiu este jornal em alemão, uma língua em grande medida desconhecida da maioria dos brasileiros (BARRETO, 1994, 367)¹⁵. Dessa forma, Barreto contrariava voluntariamente todos os intelectuais brasileiros que aclamavam servilmente a cultura e a filosofia francesas. Para Barreto, o futuro era outro; a chamada germanidade foi percebida como uma tábua de salvação, pois a ciência e a razão em vigor na filosofia alemã prevaleciam finalmente sobre o escolasticismo caduco e tomista que petrificava a vida intelectual brasileira.

A publicação do *Deutscher Kämpfer* deu início a uma série de textos (jornais, ensaios, panfletos, artigos) redigidos em alemão. Em conformidade com a firme convicção intelectual de que a cultura alemã era superior à francesa, mas sobretudo devido a sua perseverança neste projeto, não surpreende que alguns de seus contemporâneos tenham sucumbido ao seu programa de fortalecimento da cultura alemã pela infusão do espírito alemão no Brasil. Mas, então, quais eram precisamente os motivos políticos, ideológicos e/ou tradutológicos que nortearam o germanismo de Tobias Barreto?

3- Uma mudança sistêmica a favor da germanidade (*Deutschtum*)

É importante sublinhar que, no Brasil, a quase totalidade das traduções eram feitas de obras originalmente em francês, escritas por autores franceses ou, em menor grau, de traduções francesas de obras que foram originalmente escritas em outras línguas por variados autores estrangeiros (por exemplo, ingleses, italianos, alemães, russos). Portanto, a principal

origem alemã Carl Eduard Muhlert, no Recife (NASCIMENTO, 1966, 19; BARRETO, 1994, 367; SCHMIDT, 2009, 44). A Tipografia Mercantil era localizada na Rua do Torres, nº 10.

¹⁴ “Para irritar o burguês com uma nota mais ostensiva de superioridade, abria frequentemente seu luminoso leque de pavão – o germanismo. Um dos periódicos redige-o mesmo em alemão, o *Deutscher Kämpfer*. Era um luxo, uma extravagância. Mas era igualmente uma maneira de reagir, de não se deixar absorver” (LIMA, 1939, 44). Por sua vez, Nelson Werneck Sodré qualificou de “curiosíssima” a publicação em alemão do *Deutscher Kämpfer* (SODRÉ, 1998, 1994, 225) Esta preocupação intelectual particular de Barreto fez dele o alvo de toda uma geração. Foi por essa razão que Sílvio Romero escreveu “Tobias Barreto é, [...], não o mais desconhecido escritor da nova geração, porém certamente o mais odiado!” (ROMERO, 1987, 137).

¹⁵ Na verdade, o *Deutscher Kämpfer* teve grande repercussão nas colônias alemãs do sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, no jornal alemão de Koseritz, o *Deutsche Zeitung* (NASCIMENTO, 1966, 19).

característica das traduções de obras estrangeiras no Brasil era o fato de serem traduções de traduções feitas através do espelho distorcido ou do filtro ideológico da língua francesa. Invariavelmente, essas obras traduzidas eram totalmente dependentes dos imperativos culturais, ideológicos e estéticos vigentes na França. Claramente, isso significa que a totalidade do *ethos* cultural brasileiro era fortemente dependente da cultura francesa em todas as suas formas.

Totalmente insatisfeito com a dependência, a sujeição intelectual e ideológica do Brasil para com a França, o filósofo sergipano se esforçou então por escolher, promover e disseminar as ideias adequadas para uma obra de renovação, ou seja, de vivificação e de fortalecimento da cultura brasileira. Ao ecletismo representado pelo espírito francês e à escolástica, desacreditada e decadente, ainda vigente no Brasil, contrapuseram-se as tendências monistas dos filósofos alemães como Ludwig Büchner, Jacob Moleschott e mais particularmente Ernst Haeckel e Ludwig Noiré, entre outros. Segundo Tobias Barreto, a salvação intelectual e cultural do Brasil estava na adoção dessas novas correntes alemãs monistas, materialistas e antiescravistas que contrabalançavam as deficiências da filosofia e da cultura francesas.

No mesmo período, já havia exemplos na Europa de proeminentes pensadores que se deixaram influenciar pela cultura germânica. O Brasil, entretanto, ainda parecia ser imune a essa influência em nítida progressão na Europa. Por exemplo, na Inglaterra, o ensaísta Thomas De Quincey (1785-1859) traduziu do alemão para o inglês obras de Johan Paul Friedrich Richter (1763-1825) – mais conhecido como Jean-Paul –, Immanuel Kant (1724-1804), Ludwig Tieck (1773-1853) e Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), entre outros. Thomas Carlyle (1795-1881), sempre na Inglaterra, tinha traduzido obras escritas em alemão, especialmente os fragmentos de Novalis. Na Itália, a filosofia de Hegel influenciou de forma significativa os filósofos Francesco de Sanctis (1817-1883) e Bertrando Spaventa (1817-1883). Este último, digno representante da chamada esquerda hegeliana, escreveu “*il far intendere Hegel all'Italia, vorrebbe dire rifare l'Italia*” [“*fazer a Itália entender Hegel significaria refazer a Itália*”]. Refazer e consertar o Brasil com a ajuda intencional da filosofia alemã – selecionando e adaptando os melhores elementos que poderão crescer de

uma maneira idiossincrática –, este foi o verdadeiro projeto reformador de Tobias Barreto na busca de uma identidade brasileira.

A França também foi varrida por um vento de mudança no mundo das ideias, especialmente após a derrota francesa frente a Bismarck na Guerra Franco-Prussiana de 1870. Assim, Ernest Renan, na França, viu na vida intelectual alemã o refúgio da razão e da ciência desinteressada. Barreto assumiu a mesma posição de Renan, quando este, ao analisar a vitória prussiana de 1866 em Königgrätz, escrevera:

Quem venceu em Sadow foi a ciência alemã, foram as virtudes alemãs, foi o protestantismo, foi a filosofia alemã, foi Lutero, foi Kant, foi Fichte e foi Hegel (BARRETO 1990, 269).

Além disso, Hyppolite Taine dizia que houve uma ânsia, uma sofreguidão pela ciência alemã, pela literatura alemã, pela cultura alemã simplesmente para contrabalançar a hegemonia da cultura francesa. No Brasil, o movimento não deixará de voltar-se também para a cultura germânica a fim de recolher as armas necessárias à renovação desejada. Clovis Bevilacqua, companheiro constante e dedicado à causa do germanismo no Brasil e aliás relacionado com a chamada Escola do Recife – e naturalmente com seu líder, Tobias Barreto –, declarou no final do século XIX: *“Nós, os brasileiros, fomos levados a olhar, a estimar e a estudar os livros alemães, reconhecendo que, além de Portugal e da França, havia muito que aprender”* (MERCADANTE e PAIM, 1972, 155).

Deve-se observar o que significava o epíteto “alemão” para Barreto. Um elemento de resposta tem de ser encontrado no prefácio de *Estudos Alemães*:

O epíteto de alemães, que dou aos escritos aqui prometidos, não serve para indicar o momento objetivo do meu programa, visto como não tenho em mira fazer da Alemanha, em todas ou qualquer das relações, em que ela possa e deve ser considerada, o assunto obrigado das minhas indagações; mas esse epíteto indica, sem exceção alguma, o momento subjetivo da coisa, quero dizer, põe logo a descoberto o meu ponto de partida, a minha intuição, as pressuposições necessárias do meu escrever e criticar. Isto é um mal, eu o reconheço, que pode até dar em resultado um desgosto antecipado, uma prevenção desfavorável à obra que empreendo. As ideias ditas alemãs ainda são entre nós umas hóspedes importunas, e os poucos, bem poucos adeptos, que elas contam, continuam a passar, se não de todo por uns tipos irrisórios, ao menos por extravagantes, que insistem no propósito irrealizável de implantar no espírito nacional o gosto das coisas germânicas (BARRETO, 1991, 45).

O fascínio de Tobias Barreto pela cultura alemã era inigualável. Irritava-o a obsessão dos brasileiros pela França, cunhando a máxima: “A Alemanha ensina a pensar – a França ensina a escrever.” (BARRETO, 1990, 274). Deve-se destacar aqui que seu entusiasmo pelo germanismo nunca implicou o endosso incondicional e cego por tudo o que se pensava e se escrevia na Alemanha. Por exemplo, ele criticou duramente a posição do judeu-alemão Adolf Jellinek (1821-1893) num artigo de 1874 intitulado *A alma da mulher* (um texto reeditado nos *Estudos Alemães*). Barreto investiu também contra os positivistas alemães, que considerava como tão dogmáticos quanto seus correlatos franceses que empunhavam uma bandeira de progresso e tentavam impedi-la a todos os povos. Aliás, ele não poupou crítica a muitos prussianos que, a partir da década de 70 do século XIX, passaram a fazer um discurso imperialista que denominavam de pangermanismo. Na verdade, de modo geral, Tobias Barreto vê na Alemanha a possibilidade de identificar um contraponto à enorme influência que a cultura francesa exercia no Brasil. Na sua opinião havia a necessidade de deixar de receber de Paris todas as novidades, indicando ser possível ver o mundo através de outras lentes que não as exclusivamente francesas. Tobias Barreto nunca escondeu essa característica da sua maneira de pensar: “não fiz nem faço segredo do meu *Franzosenfressenthum*” (BARRETO, 1888, 42), aversão que se traduz em exacerbado entusiasmo pela cultura alemã que, todavia, não empana a sua lucidez no que tange ao emaranhando de contradições das posições políticas assumidas pelos alemães. Sobre isso, Barreto escreveu em *Estudos de Direito*:

Os pensadores alemães, em quase todos os domínios da inteligência, andam dez anos pelo menos, adiante dos franceses. Não sei se deva executar o domínio político. A política alemã não me é totalmente simpática (BARRETO, 2000, 19).

Por outro lado, os sentimentos patrióticos de Tobias Barreto para com a cultura alemã não podem ser negados. Como alegava Miguel Reale, a temática patriótica incitou o sergipano a traduzir o poema *Minha Pátria* [*Mein Vaterland (Fallersleben)*] (1840) de Heinrich Hoffmann (1809-1894), publicado na versão original alemã e na tradução, no seu jornal *O Americano*, em 1870 (REALE, 1991, 66). Então, podemos especular que o uso da língua alemã foi encarado por Barreto como um verdadeiro protesto lançado contra as

tendências dominantes no Brasil naquela época. A pretensão do intelectual sergipano era chamar a atenção dos brasileiros e interessá-los quanto ao debate que ocorria no mundo intelectual alemão. Infelizmente, como a maioria de suas pequenas obras autoeditadas não foram conservadas, decorre desse fato que é muito difícil hoje encontrar exemplares de suas obras alemãs – ou obras que veiculavam ideias que promoviam o conceito da germanidade como panaceia para curar o Brasil do seu atraso intelectual – publicadas por conta do autor. É possível encontrar de vez em quando e aqui e ali raros exemplares impressos, mas a edição completa da totalidade de suas publicações por conta própria parece perdida. Por isso é importante fazer uma reconstrução racional do pensamento de Barreto consultando seus outros trabalhos intelectuais – ou seja, revistas, artigos de jornais, cartas, e mesmo diversos comentários sobre suas obras escritas pelos outros membros da Escola do Recife.

Como devemos então interpretar esta atração, esta afinidade visceral não só para com a cultura alemã, mas particularmente com o idioma alemão? Estava essa afinidade sujeita a um mero capricho ou, pelo contrário, determinada por uma agenda política ou ideológica específica? Felizmente, o prefácio de *Brasilien, wie es ist in literarischer Hinsicht* [Brasil, de uma perspectiva literária] (BARRETO 1876) fornece um elemento de resposta a essa interrogação. Barreto escreveu:

Man sieht wohl, dass dies ein Protest ist, den ich gegen die in meinem Vaterlande herrschenden Tendenzen, gegen unser „Régime mental“, wie sich ein französischer Positivist ausdrücken dürfte, mit der klaren Absicht niederschreibe, die Aufmerksamkeit der einzig Berechtigten auf unser elendes geistiges Leben zu lenken, und somit würde der Gebrauch des Portugiesischen ebenso verkehrt sein, wie wenn ein Brasilianer in Berlin mit den vaterländischen papierenen Milreis (brasilianisches Geld) ein Buch oder andere Ware kaufen wollte. Dort hat beides keinen Kurs (BARRETO 1876).

[Podemos ver claramente que [o uso da língua alemã] é um gesto de protesto contra a tendência predominante na minha terra natal, contra nosso “regime mental”, como diria um positivista francês, com a clara intenção, utilizando a escrita, de direcionar a atenção das pessoas em causa para a nossa miserável vida intelectual. Portanto, o uso da língua portuguesa seria tão impróprio quanto um brasileiro em Berlim que quisesse comprar um livro ou quaisquer outros bens com uma moeda brasileira de mil-réis. Na Alemanha, os dois não valem nada.]

Depois de ter demonstrado a importância da língua alemã na *forma mentis* de Barreto, devemos mencionar, a partir de fontes externas e objetivas (na medida do possível), citações que atestam a qualidade – ou não – do seu domínio da língua alemã.

Barreto escrevia em alemão numa linguagem culta e em prosa fluente, conforme testemunham os textos originais republicados em edição bilíngue em 1876 em *Monografias*

em alemão (existe uma reprodução desta monografia numa nova edição de 1990). Um exame superficial do texto escrito em alemão revela imediatamente erros grosseiros na escrita ou na tradução do português para o alemão. Por exemplo, Barreto escreveu na apresentação do *Der Deutsche Kämpfer* “Von Tage zu Tage” (De dia a dia) em vez de escrever “**Vom** Tage zu **dem** Tage”. Em outra sentença escreveu: “und Wissenschaft und Philosophie **aussahen**, wie eigentlich französisch Waren die man sich **um** jeden Preis ankaufen möchte” (“e a Ciência e a filosofia pareciam propriamente mercadorias francesas, as quais se podia comprar por qualquer preço”). O erro gramatical aqui é o seguinte: precisamos escrever “Wissenschaft und Philosophie **aussehen**” em vez de “**aussahen**”.

Barreto escrevia e lia bem, embora alguns textos produzidos nos primeiros anos de manejo do idioma apresentem problemas. Todavia, dominou as obras clássicas e científicas alemãs. Contudo, sua pronúncia era quase incompreensível. Sua condição de autodidata no idioma o impediu de resolver determinados problemas fonéticos que tornavam ininteligível aos alemães aquilo que ele dizia, ao expressar-se oralmente. Assim, os problemas de Barreto com a língua alemã só apareciam no momento da comunicação verbal: “tão somente na sua pronúncia, não chegou a vencer, como autodidata, uma estranha acentuação, de tal modo que os alemães tinham suas dificuldades em entendê-lo” (OBERACKER, 1990, 269). O intelectual sergipano Sílvio Romero, seu amigo de longa data, lembra-nos como Barreto foi iniciado na língua e na cultura alemã:

Foi, então, em 1870 que Tobias Barreto se decidiu pelos germânicos. Com aquele ardor que ele punha em tudo, com aquela enorme capacidade de aprender que o impelia, comprou um dicionário e uma gramática alemães, e pediu ao livreiro que lhe mandasse buscar na Europa a *Geschichte des Volkes Israels*, de Ewald. Foi este o primeiro livro alemão que o poeta sergipano possuiu. No intervalo, entre a encomenda e a chegada da célebre obra, o nosso patricio ficou estudando a língua alemã consigo mesmo (ROMERO. 1905, 122-123).

Conclusão

Ao optar pelo germanismo, Tobias Barreto, agente de tradução, fez mais do que demonstrar sua inclinação pessoal por uma determinada cultura. Quando sua obra é vista em conjunto, e não isoladamente, sem preconceitos, é possível perceber que havia toda uma motivação no cenário brasileiro, presente na totalidade das investigações da Escola do Recife. A busca frenética diante da necessidade de assumir as tendências que àquele grupo de

intelectuais parecia ser a mais avançada e mais adequada ao tempo. Daí ser fundamental submeter ao crivo crítico, como fez toda a produção intelectual do seu tempo. Muitas vezes há dificuldade em se perceber isso, diante da falta de unidade natural em uma obra dispersa e produzida esparsamente em diversos meios impressos de grande, média e pequena tiragem ao longo de muitos anos.

O problema tradutológico que nos interessa precisamente aqui envolve a avaliação da qualidade das traduções do alemão para o português feitas por Tobias Barreto. Assim, precisamos localizar nos textos de Tobias Barreto todas as referências e as citações – diretas e/ou indiretas (ou oblíquas) – dos autores alemães para garantir a precisão, a fidelidade ou, quando aplicável, a manipulação envolvida em suas traduções. Esta dimensão do problema tradutológico é muito importante porque um de seus mais fiéis colaboradores, Sílvio Romero, no início do século XX, foi acusado de ter traduzido autores alemães a partir de traduções em francês. O conhecimento comprovado que Barreto tinha da língua alemã provavelmente serve como prova para livrá-lo de quaisquer suspeitas. Nesse sentido, seguindo Antoine Berman em *Pour une critique des traductions: John Donne*, precisamos distinguir entre uma tradução e uma *translation*. Esta última muitas vezes acontece de modo diacrônico: o encontro com a obra estrangeira numa língua estrangeira, a adaptação, a primeira tradução (às vezes parcial e explicativa) e finalmente a tradução total e crítica da obra. A *translation* inclui a tradução, mas também a crítica e numerosas formas de transformações textuais (e às vezes não-textuais). Portanto, acreditamos que uma crítica das traduções de Barreto é inevitável. Precisamos também destacar o papel exato desempenhado pelos impressos neste processo tradutório.

Polemista, destruidor, mata-mouros de velhas crenças enraizadas na cultura brasileira retrógrada e conservadora do fim do século XIX, Tobias Barreto acumulou mais desafetos do que amigos. Despediu-se do mundo doente e miserável, proferindo do leito de morte seu último pedido: “Erguei-me! Quero morrer como soldado prussiano!” (BARRETO 1990, 277).¹⁶ Chegou a hora de examinar as suas traduções e avaliar o seu papel como agente de tradução sem quaisquer preconceitos.

¹⁶ Como relatado por João Luiz Barreto (1872-1950) – um dos nove filhos de Tobias Barreto – foram aparentemente as últimas palavras do filósofo brasileiro em seu leito de morte. Cabe observar que existe também

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Ana Maria Araujo de. **Um “mestiço irrecusável”: Tito Lívio de Castro e o pensamento cientificista no Brasil do século XIX**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Departamento de Pós-Graduação em História, 2008.
- AMADO, Gilberto. **Grão de Areia e outros escritos**. Rio de Janeiro: 1919, p. 244-45
- BARRETO, Luiz Antônio. ‘Nova Missão Tobiática no Recife (I)’. In: **Gazeta de Sergipe**. Ano XXXII No 8,696. Sexta-Feira 06 de novembro 1987a.
- BARRETO, Luiz Antônio. ‘Nova Missão Tobiática no Recife (II)’. In: **Gazeta de Sergipe**. Ano XXXII Nº 8,697. Sábado 07 de novembro 1987b.
- BARRETO, Luiz Antônio. **Tobias Barreto**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.
- BARRETTO, Tobias. **Brasilien Wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet. Eine Skizze**. Escada (Pernambuco): Tipografia do Autor, 1876.
- BARRETO, Tobias. **Questões Vigentes**. Pernambuco: Livraria Fluminense – Editora, 1888.
- BARRETO, Tobias. **Estudos de Filosofia**. São Paulo: Editoria Grijalbo, 1977 [1875].
- BARRETO, Tobias. **Monografias em alemão**. Rio de Janeiro: Grupo Editora Record, (1990) [1876].
- BARRETO, Tobias. **Estudos alemães**. Organização e notas de Paulo Mercadante, Antônio Paim e Luiz Antônio Barreto. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.
- BARRETO, Tobias. **Estudos de Direito**. Campinas: Bookseller, 2000.
- BRATMAN, Michael. “Shared Agency” In: C. Mantzavinos (Ed.). **Philosophy of the Social Sciences: Philosophical Theory and Scientific Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- CAMPOS, Alessandro de Oliveira. **Tradição e apropriação crítica: Metamorfoses de uma afroamericanidade**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2016.
- CANGEMI, Luca. **L’elefante e la metropoli. L’India tra storia e globalizzazione** [O elefante e a metrópole. A Índia entre história e globalização]. Bari: Edizioni Dedalo, 2012.

uma variante desta citação: ‘Sentem-me, quero morrer como um soldado prussiano’. Ver (Teles 1924; 1925; Viera 1939, 82; Mont’Alegre 1939, 295; Nascimento 1966, 45).

- CARVALHO, Alfredo de. **Anais da Imprensa Periódica Pernambucana, 1821-1908**. Recife: Tip. Jornal do Recife, 1908.
- CHESTERMAN, Andrew. **Reflections on Translation Theory: Selected Papers 1993-2014**. Amsterdam: John Benjamins, 2017.
- CORDEIRO, Celeste. **Antigos e Modernos no Ceará Provincial**. São Paulo: Annablume, 1997.
- COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos. Teoria Social, Anti-racismo- Cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Editoras UFMG, 2006.
- DOLLERUP, Cay. “Translation as Imposition vs. Translation as Requisition”. In SNELL-HORNBY, Mary & JETTMAROVÁ, Zuzana & KAINDL, Klaus (Ed.) **Translation s Intercultural Communication**. Amsterdam: John Benjamins, 1996.
- FOLKART, Barbara ‘La matérialité du texte : la traduction comme récupération de l’intradiscursif’. **Meta**. Volume 34, numéro 2, juin 1989, p. 143-156.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977.
- LIMA, Hermes. **Tobias Barreto: A Época e o Homem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional [Vol. 140 Biblioteca Pedagógica Brasileira], 1939.
- MERCADANTE, Paulo; PAIM, Antônio. **Tobias Barreto na cultura brasileira: uma reavaliação. Editora** da Universidade de São Paulo. Editorial Grijalbo, 1972.
- MONT’ALEGRE, Omer. **Tobias Barreto**. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda, 1939.
- NASCIMENTO, Luiz do. **Três mestres de direito no ‘batente’ do jornal: Tobias Barreto, Martins Júnior, Clóvis Bevilacqua**. Recife: Imprensa Oficial, 1966.
- NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821/1954)**. Vol. XII. Recife: Editora Universidade UFPE, 1994.
- OBERACKER JR., C.. “Tobias Barreto de Meneses, o mais significativo germanista do Brasil”. In: T. De M. BARRETO, **Monografias em alemão**. Rio de Janeiro/Brasília, Record/INL, 1990.
- PAIM, Antônio. **A Escola do Recife. Estudos Complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil – V. I**. Londrina: Editora UEL, 1999.

- REALE, Miguel. **O Pensamento de Tobias Barreto: colóquio, Lisboa, 4 a 7 de julho de 1990**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, FCSH, 1991.
- ROMERO, Sílvio. **A Philosophia No Brasil**. Porto Alegre: Tipografia da Deutsche Zeitung, 1878.
- ROMERO, Sílvio. **Evolução da literature brasileira. Vista sintética**. [s. l.]: Campanha, 1905.
- SAGER, Juan Carlos. **Language Engineering and Translation: Consequences of Automation**. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- SCHMIDT, Jan Peter. **Zivilrechtskodifikation in Brasilien** [Codificação do direito civil no Brasil]. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, 1994.
- TELES, Manuel dos Passos de Oliveira. **Missão Tobiática no Recife**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1924.
- TELES, Manuel dos Passos de Oliveira. 'Missão Tobiática no Recife'. **Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife**. 1925. p. 101-155.
- VIERA, Celso. **Tobias Barreto (1839-1939): estudo**. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1939.